ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

RETRATOS LITERÁRIOS DAS FAVELAS DO ZIMBÁBUE: perspectivas sobre cidade e humanidade em Christopher Mlalazi

Gilberto Alves Araújo[1]

Resumo

Este artigo pretende explorar representações literárias acerca da cidade, particularmente no domínio espacial da periferia, também chamada de township ou favela. Essa incursão se dará no âmbito de três contos da obra *Dancing with Life: tales from the township* (2008), do escritor zimbabuano Christopher Mlalazi. Como aporte teórico-metodológico, recorremos aos Estudos Culturais a partir dos conceitos de representação e cultura propostos por Stuart Hall (1997) e Du Gay (1997), dentre outros. O debate e análises empreendidas no decurso da exploração dos textos selecionados nos permitem apontar que a arquitetura e a cultura urbana na periferia de grandes cidades do Zimbábue, à semelhança de outros países no Sul Global como o Brasil, tanto conformam quanto fomentam a produção e vivência de sentimentos e experiências psicossociais hostis, sendo estas geralmente contrárias à dignidade, ao conforto e bem-estar social de seus habitantes. Ao mesmo tempo, as profundas assimetrias socioeconômicas, como constituintes da cultura de violência e da opressão socioemocional nas townships, encontra-se refletida também na construção material desses espaços urbanos. Trata-se de um movimento duplo em que a geo-construção da favela zimbabuana não só refrata as condições de seus moradores, mas também afeta sua psique, sua cultura, seus modos de organização e de existência.

Palavras-chave: Literatura africana; Periferia urbana; Favela; Representação; Exclusão.

LITERARY PORTRAYALS OF THE ZIMBABWEAN TOWNSHIPS: Perspectives on City and Humanity in Christopher Mlalazi

Abstract

[1] Doutor em Estudos do Discurso Midiático pela University of the Witwatersrand (WITS). Mestre em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Graduado em Letras-Língua Inglesa e Língua Portuguesa pela UFT. Atua como Associate Researcher na University of the Witwatersrand e como docente-pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Lattes: http://lattes.cnpq.br/3998154651377114 . ORCiD: https://orcid.org/0000-0002-8177-0730 . Contato: gilbertoa.araujo@yahoo.com.br .

periferia EDUCAÇÃO CULTURA & COMUNICAÇÃO
ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

This paper aims to explore literary representations of the city, particularly within the spatial domain of the periphery, also referred to as township or favela. This exploration will be conducted through the analysis of three short stories from the work *Dancing with Life: Tales from the Township* (2008) by Zimbabwean writer Christopher Mlalazi. As a theoretical-methodological framework, we draw on Cultural Studies, particularly the concepts of representation and culture proposed by Stuart Hall (1997) and Du Gay (1997), among others. The debates and analyses undertaken throughout the exploration of the selected texts allow us to suggest that the architecture and urban culture in the periphery of large cities in Zimbabwe, similar to other countries in the Global South such as Brazil, both shape and promote the production and experience of hostile psychosocial feelings and experiences, which are often opposite to dignity, comfort, and social well-being of their inhabitants. At the same time, the deep socioeconomic asymmetries, as constituents of the culture of violence and socioemotional oppression in the townships, are also reflected in the material construction of these urban spaces. This represents a dual movement where the geoconstruction of the Zimbabwean favela not only refracts the conditions of its residents but also affects their psyche, culture, modes of organization, and existence.
Keywords: African literature; Urban periphery; Township; Representation; Exclusion.

RETRATOS LITERARIOS EN LAS FAVELAS DE ZIMBABUE: perspectivas sobre la ciudad y la humanidad en Christopher Mlalazi

Resumen

Este artículo pretende explorar representaciones literarias acerca de la ciudad, particularmente en el dominio espacial de la periferia, también llamada township o favela. Esta incursión se llevará a cabo en el ámbito de tres cuentos de la obra *Dancing with Life: tales from the township* (2008), del escritor zimbabuense Christopher Mlalazi. Como aporte teórico-metodológico, recurrimos a los Estudios Culturales a partir de los conceptos de representación y cultura propuestos por Stuart Hall (1997) y Du Gay (1997), entre otros. El debate y los análisis emprendidos en el transcurso de la exploración de los textos seleccionados nos permiten señalar que la arquitectura y la cultura urbana en la periferia de las grandes ciudades de Zimbabue, similar a otros países del Sur Global como Brasil, tanto conforman como fomentan la producción y vivencia de sentimientos y experiencias psicosociales hostiles,

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

siendo estas generalmente contrarias a la dignidad, al confort y bienestar social de sus habitantes. Al mismo tiempo, las profundas asimetrías socioeconómicas, como constituyentes de la cultura de violencia y de la opresión socioemocional en las townships, se reflejan también en la construcción material de estos espacios urbanos. Se trata de un movimiento doble en el que la geo-construcción de la favela zimbabuense no solo refracta las condiciones de sus moradores, sino que también afecta su psique, su cultura, sus modos de organización y de existencia.
Palabras clave: Literatura africana; Periferia urbana; Favela; Representación; Exclusión.

INTRODUÇÃO: REPRESENTAÇÕES DAS MARGENS URBANAS NA LITERATURA

O presente artigo explora representações literárias da cidade, particularmente nas periferias, também chamadas de townships ou favelas. A análise se concentra em três contos da obra *Dancing with Life: tales from the township* (2008), do escritor zimbabuano Christopher Mlalazi: *Eeish*, *Fragments* e *Dancing with life*.

Utilizamos os Estudos Culturais e conceitos de representação e cultura de Stuart Hall (1997) e Du Gay (1997) como aporte teórico-metodológico. Nesse sentido, este estudo das representações literárias da periferia zimbabuana visa compreender como a literatura revela e critica as condições de vida nos espaços marginalizados das grandes cidades do Sul Global. As townships refletem as profundas assimetrias socioeconômicas e culturais, oferecendo um terreno fértil para a análise de questões relacionadas à dignidade humana, conforto e bem-estar social. Mike Davis (2006) complementa essa visão ao argumentar que as periferias urbanas no Sul Global são moldadas por dinâmicas estruturais de exclusão, refletindo uma urbanização desvinculada do crescimento econômico ou planejamento formal, agravando ainda mais a precariedade de seus habitantes.

Os objetivos deste trabalho são múltiplos: identificar e analisar as representações literárias das periferias urbanas nos contos de Mlalazi, focando na arquitetura e cultura urbana dessas áreas e como elas fomentam sentimentos e experiências psicossociais hostis; discutir as assimetrias

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

socioeconômicas e sua influência na cultura de violência e opressão socioemocional nas townships; e compreender como a construção material desses espaços urbanos reflete e afeta a psique, a cultura, modos de organização e existência de seus moradores.

No Brasil, a pesquisa sobre as representações literárias da favela analisa como esses espaços são descritos e significados na literatura. Silva (2010a) explora a representação da favela na obra de autores contemporâneos brasileiros, argumentando que a literatura frequentemente descreve a favela como um espaço de exclusão social, mas também de resistência e criatividade cultural. Estudos como os de Souza e Santos (2018) e Ferreira (2021) corroboram essas perspectivas, destacando a complexidade e multifuncionalidade desses espaços na construção da identidade cultural urbana.

Em um contexto semelhante, Roberto Schwarz (1983), por sua vez, investiga como a literatura brasileira retrata as camadas populares, analisando criticamente as relações entre forma literária, contexto histórico e estrutura social. Schwarz argumenta que a pobreza, como tema, não é apenas um reflexo da realidade, mas também uma construção simbólica que revela as tensões e contradições de uma sociedade marcada pela desigualdade. Ele demonstra, apesar de contemplar muito mais artistas canônicos e brancos, como autores clássicos (e.g., Aluísio Azevedo, Graciliano Ramos, *inter alia*) e contemporâneos (e.g., Adélia Prado, Marilene Felinto, *inter alia*), incorporam os pobres como personagens centrais, utilizando suas vivências para denunciar as opressões socioeconômicas e explorar os efeitos subjetivos das assimetrias de poder.

Na Ásia, uma considerável parcela das pesquisas se concentra nas representações das periferias urbanas nas obras de ficção sobre as favelas indianas. Chatterjee (2012) argumenta que a literatura indiana contemporânea é um campo fértil para explorar as condições de vida às margens, destacando as complexas dinâmicas sociais e econômicas. Roy e Singh (2019), e Patel (2020), por sua vez, expandem essa análise, explorando a representação da

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

periferia em novas mídias e formas literárias, evidenciando a persistência das disparidades socioeconômicas e a resiliência cultural dos moradores.

Na África do Sul, por exemplo, as representações literárias das townships são amplamente estudadas no contexto das narrativas pós-apartheid. Nuttall (2004) explora como os escritores sul-africanos utilizam a township para examinar as consequências do apartheid e a luta por justiça social. Ademais, pesquisas como as de Dlamini (2017) e Mkhize (2020) continuam essa linha de investigação, explorando novas narrativas e perspectivas que emergem das townships.

Gikandi (2002), por sua vez, destaca como a literatura queniana, especialmente a obra de Ngũgĩ wa Thiong'o, aborda urbanização e marginalização. Estudos de Mwangi (2016) e Kamau (2019) ampliam essa discussão, explorando recentes obras literárias e o papel da literatura na formação da consciência social e na mobilização política.

Com efeito, o estudo das narrativas de Christopher Mlalazi contribui para esse corpo de pesquisa, oferecendo uma análise das representações literárias das periferias urbanas no Zimbábue. Mlalazi apresenta uma visão crítica das condições de vida nas townships zimbabuanas, destacando as dinâmicas sociais, econômicas e culturais que moldam esses espaços.

A literatura sobre favelas no Brasil, na Ásia e na África revela um padrão comum: esses espaços são descritos como loci de exclusão social e econômica, bem como espaço de resistência e criatividade cultural. As representações literárias refletem as realidades brutais da vida nas periferias e celebram a resiliência e capacidade de inovação de seus moradores. Esses estudos, portanto, ajudam a situar as narrativas de Mlalazi dentro de um contexto global de marginalização e resistência.

Em termos práticos, este trabalho se divide em mais quatro seções: na segunda acrescentamos princípios teóricos e metodológicos necessários à discussão da obra em tela; na terceira nos dedicamos ao conto *Eish!*, na quarta exploramos *Dancing with life*, na quinta examinamos *Fragments*, e por fim

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

retomamos os achados deste estudo, colocando-os, sempre que possível, em perspectiva diante de pesquisas anteriores.

ORIENTAÇÕES CONCEITUAIS E METODOLÓGICAS

Seja no discurso midiático, cotidiano ou literário, a representação é provavelmente o elemento mais relevante na conexão entre a produção de sentido na língua e as estruturas/práticas da sociedade-cultura, conforme sugerem os teóricos dos Estudos Culturais. Agir, portanto, seria empregar a língua para dizer algo relevante ou para representar o mundo de forma significativa (Hall, 1997). Representar é produzir significados por meio da linguagem, seja ela verbal, sonora ou visuoespacial. Esses significados podem ilustrar relações de poder e ser associados a uma perspectiva social de interesse (ideologia), modos de construir o mundo (discursos) e um projeto de liderança ou dominação (hegemonia) – ver. Fairclough e outros (2004).

Segundo Hall (1997, p. 4), há dois processos essenciais na representação. O primeiro está correlacionado ao nosso mapa de códigos culturais, "no qual nossos conceitos, imagens e emoções 'substituem' ou representam, em nossa vida mental, as coisas". O segundo refere-se à língua que permite a existência desse mapa conceitual compartilhado, por meio do qual trocamos significados e conceitos.

A representação não pode ser desvinculada de uma 'realidade' pré-existente, pois as linguagens visuoespaciais, sonoras e verbais, como sistemas semióticos, dependem dos movimentos de um agente para serem reproduzidas, mas preexistem a um indivíduo específico (Fairclough et. al., 2004). Os significados evocados em uma representação nunca são fixos devido à dinâmica sociossemiótica e às muitas possibilidades na criação de uma representação textual.

A representação da favela é importante no contexto de compreensão das desigualdades porque a linguagem é o meio privilegiado no qual os significados são produzidos e intercambiados (Hall, 1997). A língua, sobretudo no âmbito literário, funciona como um sistema representacional ou de significação,

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

conforme sugerem Halliday e Matthiessen (2013). Ela materializa parte dos significados na cultura, compartilhados simbolicamente, as representações.

Certas representações, quando regularizadas em práticas sociais e discursivas, conseguem se reunir em conjuntos relativamente estáveis, que podem se realizar como identidades, tentando rearticular a relação entre atores sociais e práticas discursivas (Hall, 1997, p. 2). Exemplo disso são as funções e atributos da periferia vinculados a pessoas negras nas diversas coletividades culturais. O ser periférico não se torna apenas um papel social, mas uma identidade cultural, uma construção incompleta, dinâmica de constantes (des)conexões entre seres humanos e determinados discursos/representações acerca de seus papéis.

Hall (1997) propõe considerar a identificação como um processo que envolve tanto o princípio das semelhanças quanto das diferenças. As semelhanças destinam-se a formatar a identidade cultural, enquanto as diferenças desempenham um papel nos sistemas de representação coletiva, construindo fronteiras simbólicas entre "comunidades imaginadas" (Woodward, 2000; Anderson, 2006).

Hall sugere identidades como pontos de sutura no processo de identificação, interrupções na fluidez dos discursos (Hall, 1995; Anderson, 2006). Isso remete à concepção de raça, um princípio articulador das estruturas sociais, políticas e ideológicas (Hall, 1980, p. 313). A raça é uma projeção discursiva ampla, mantendo relações com a história, status socioeconômico e política.

Hall concorda com Du Gay (HALL, 1997, p. 1) sobre o desenvolvimento de significados culturais compartilhados, designados como um circuito de cultura, composto por cinco etapas: Representação, Identidade, Produção, Consumo e Regulação (ver. DU GAY, 1997). Este artigo, portanto, foca na representação e identidade.

A partir da perspectiva indutiva, fomentamos hipóteses a partir da tangibilidade verbal dos contos. Na perspectiva dedutiva, exploramos os efeitos semânticos a partir de concepções teóricas dos Estudos Culturais (e.g., Hall,

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

1997). As conclusões se apoiam na consonância entre premissas frequentemente admitidas como verdadeiras.

O estudo assume perspectivas complementares no espectro inferência-dedução, sem se vincular a uma escola metodológica particular, viabilizando uma percepção ampla dos dados literários, centrando esforços na compreensão da arquitetura social da periferia nos contos escolhidos. A partir da próxima seção, exploraremos essas nuances na escrita de Mlalazi.

O PESO DA ARQUITETURA DA MISÉRIA SOBRE A VIDA PRIVADA E O TECIDO SOCIAL

Eeish! remonta a história de Ndla. Este é um jovem negro, de 19 anos, desempregado, sem capital cultural aparente para além da leitura, escrita e cálculo básico, que vive em Emakhandeni Township ao lado do pai abusivo, a madrasta indiferente e por vezes hostil, enfrentando todos os desafios que a vida na periferia de Bulawayo (Zimbábue) oferece.

O estilo de Mlalazi em *Eish!* e outros contos caracteriza-se pela espontaneidade dos diálogos, bem como por sua característica teatral, no sentido de derivarem de uma dramaturgia antropológica do cotidiano citadino. Não à toa, Mlalazi também se faz hábil escritor de peças de teatro, ofício que provavelmente exerce influência sobre sua prosa. Mesmo falas internas da personagem-narrador emergem em discurso indireto livre, mas com uma atribuição de uma fala exterior, dialogada desde sua origem e não necessariamente um elemento do fluxo de consciência.

Tal qual os componentes de uma obra cinematográfica, neste conto e principalmente em *Fragments* (terceiro conto selecionado para nossa discussão) os fatos surgem para o leitor *in media res*, o que uma vez mais ratifica o teor cine-teatral de seu estilo. É o que vemos na cena de abertura do conto, quando Ndla é espancado pela segunda vez na face por seu pai na calçada da rua principal da favela onde mora, uma via repleta de vendedores ambulantes de produtos diversos, desde itens falsificados até farinha de milho. O cenário com múltiplas testemunhas não impede Doubt de agredir o unigênito de forma tão

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

visceral. Logo de início, a vida de pobreza e limitações nessa parte da cidade parece exercer um grande peso sobre o pai, que por sua vez o reproduz e o exaspera sobre a existência do filho.

Nesse sentido, Davis (2006) ressalta que as condições extremas das favelas, como a superlotação e a ausência de infraestrutura básica, exacerbam os conflitos interpessoais e a violência intrafamiliar, criando um ambiente que naturaliza comportamentos hostis, tal como se observa nas interações entre Ndla e seu pai.

A mesma sarjeta da rua por onde provavelmente escorrem água servida e outros rejeitos da vida urbana, à semelhança das periferias brasileiras, é também o assoalho para as mesas transportáveis sobre as quais se disponibilizam as mercadorias dos ambulantes. E é para esse lugar que Ndla empurra o pai na tentativa de evitar o terceiro tapa no rosto. Tarde demais, a rua movimentada, carente de arte e justiça socioeconômica (dentre outras tantas coisas), já se deleitava no espetáculo da agressão encenada ali mesmo, na presença deles.

Na parte da cidade em que a escassez de serviços de saúde, segurança e saneamento é tão banal quanto o nascer do sol; onde a equidade é uma figura do pensamento e a dignidade material e simbólica da existência são parte de uma meta quase inatingível, mas em favor da qual muitos batalham diariamente, esses distúrbios psicossociais, que eclodem em forma de demonstrações de violência na vida privada, tornam-se naturalizadas e até fonte de diversão, temática das conversas compartilhadas ao longo de semanas a fio pelos habitantes da township – como haveria de ser também nas favelas brasileiras, em que as moradias são tão próximas umas às outras, e onde a vida doméstica das pessoas tende a constantemente se tornar tópico das redes de troca simbólica que constituem a periferia: “Notícias pra elas, pelo mês inteiro – que se explodam também” (Mlalazi, 2008, p. 22, tradução nossa).

Tal qual nas favelas brasileiras (ver. Freire, 2008), a rede de trocas de Emakhandeni tende a reservar e atribuir às mulheres o serviço da ‘fofoca’. Sob o signo da desigualdade de gênero, em que o parco privilégio masculino (e

periferia EDUCAÇÃO CULTURA & COMUNICAÇÃO
ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

preto) no seio da miséria e da ausência é instrumentalizado em desfavor da segurança, da renda, do bem-estar e da saúde da mulher, elas fomentam estratégias para também exercer sua parcela de poder sobre o imaginário coletivo (cf. Freire, 2008). Mlalazi insere em dados pontos da narrativa – pela tematização da fofoca (direta ou indiretamente nos três contos, inclusive) – esse exercício de contraposição feminina diante da falta de condições igualitárias de poder frente ao homem. Com efeito, essa rede de trocas simbólicas pode, em certa medida, ser usada pelas mulheres, que operam da sarjeta, como forma de revidar parte da assimetria de gênero a que são submetidas.

Por outro lado, o conto também aponta que a curiosidade e a participação nessa rede de trocas não é exclusividade das mulheres, embora seu controle e maior movimentação sejam atribuídos a elas. O episódio que narra a chegada de Craig – um rapaz banco, jovem, soldado, oriundo do subúrbio de classe média de Bulawayo – ilustra bem esse envolvimento na rede de intercâmbios simbólicos, fonte de avaliação ou juízo moral sobre pessoas e acontecimentos, bem como objeto de entretenimento.

Nesse mesmo sentido, e à semelhança do Brasil, a arquitetura das habitações, extremamente próximas umas das outras, bem como os arranjos de moradia em que grandes casas são divididas em seções e habitadas por múltiplas famílias em espaços reduzidos, também contribuem para que essa rede de trocas se mantenha ativa e prossiga sendo um elemento importante na manutenção do tecido social da periferia – o que fica evidente na chegada de Craig, o jovem branco que se torna amigo de Ndla. A solidão, neste caso, enquanto momento de autorreflexão e cuidado é momento raro.

No contexto das favelas globais, Davis (2006) observa que a proximidade física e a precariedade habitacional não apenas limitam a privacidade, mas também reforçam a interdependência comunitária, perpetuando dinâmicas de controle social e solidariedade precária, algo que Mlalazi ilustra nas interações entre os habitantes da township.

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

Nem mesmo no interior do lar, a privacidade pode ser exercitada, pois muitas vezes múltiplos membros da família ocupam um cômodo, ou áreas coletivas da casa são transformadas em quartos, por falta de espaço (cf. TORQUATO, 2016; DOVEY e KING, 2016). Além de reduzir a autoapreciação dos indivíduos, a construção de seu senso de independência, valor, autonomia, relevância e autoconfiança, a individualidade do espaço em uma residência se mostra influente sobre a natureza e amplitude dos conflitos familiares (ver. PEREIRA, 2018). No caso do conto em tela, todos esses elementos tendem a se deteriorar ou agravar, em especial a proporção dos conflitos entre Doubt e Ndla, que dorme no assoalho da sala e tem seu espaço separado do quarto do pai e da madrasta por um cobertor.

A arquitetura precária das casas e seu espaço exageradamente reduzido, enquanto efeito das condições materiais da periferia, além de favorecer e agravar conflitos (ver. Pereira, 2018), aniquilam múltiplos graus de privacidade e podem até mesmo, sob determinadas circunstâncias, auxiliar a majoração de traumas decorrentes da perda desse espaço individual no lar (cf. Torquato, 2016; Dovey e King, 2016). A exemplo disso, temos o episódio em que, pela ausência dessa privacidade, Ndla quando criança e no afã de degustar de seu refrigerante favorito acaba por testemunhar a mãe em ato libidinoso com seu vizinho Ndlovu: “Atrás dela, um Ndlovu desnudo estava deitado na cama, seu cacete apontando rigidamente pra o teto. Porra!” (Mlalazi, 2008, p. 28, tradução nossa). Essa mesma arquitetura da miséria tolhe o direito à individualidade inclusive durante a realização das necessidades fisiológicas.

Como ilustrado na passagem acima, o escritor Mlalazi metaforiza a miséria da vida e da arquitetura privadas, incluindo a perda (quase escatológica) da privacidade (cf. Torquato, 2016; Dovey e King, 2016), através da arquitetura urbano-coletiva e da desigualdade socioeconômica/exploratória que a um só tempo refratam e condicionam a vida na cidade grande, principalmente na periferia.

A estrutura dos serviços públicos ou privados que alcança a township também é distinta daquela que chega aos subúrbios de classe-média de

periferia EDUCAÇÃO CULTURA & COMUNICAÇÃO
ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

Bulawayo. Nesse sentido, a situação econômica do Zimbábue influi negativamente sobre a disponibilidade e valor desses serviços, razão pela qual alguns membros recém-emancipados da classe-média branca do país, tal qual o personagem Craig, mudam-se do subúrbio burguês e da casa do pai para uma residência na periferia.

A difícil realidade de Emakhandeni parece se agravar quando se trata de serviços que dependem de manutenção do usuário ou de investimentos financeiros constantes, como a rede elétrica e seus acessórios, a estrutura predial das residências, dentre outros. Na escassez de tantos elementos essenciais, falta lâmpada na casa de Ndla, falta cama, razão pela qual ele dorme sobre um cobertor no assoalho, falta até mesmo fechadura na porta. Semelhantemente, na falta de paredes e espaço para dividir certos cômodos da casa, o jovem Ndla acaba por tornar a sala o seu quarto, espaço que é separado dos aposentos do pai e da madrasta MaNyoni por uma coberta/cortina, e o chão se torna seu repouso, sua cama. “Um teto/quarto só seu”, muito para além de espaço para o exercício da liberdade e deleite intelectuais (como vislumbra Virginia Woolf para a mulher branca), é a condição material indispensável para uma existência menos indigna do jovem negro e periférico.

Essa ausência de elementos estruturais básicos leva, não a uma eventual esperança entretecida no vislumbre de dias melhores, mas à assunção da indiferença e do desalento. A vida na periferia parece aprisionada pelo ciclo e arquitetura da miséria, que impossibilita a emergência de perspectivas promissoras sobre o futuro, ou mesmo acerca do presente, o que se ilustra na resposta que o narrador-protagonista, Ndla, oferece a si mesmo diante da negativa do pai em reparar a porta sem tranca. Da perspectiva do narrador, a situação paupérrima da existência das pessoas se vê expressada na materialidade ao redor, ao passo em que a pobreza dessa concretude indicia a “falta de valor” desses sujeitos.

Nesse sentido, reitera-se que a vida nas casas da township é extremamente precária e reflete as condições socioeconômicas de sobrevivência de seus moradores. Os problemas na rede elétrica, por exemplo,

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

levam à utilização de velas, que por sua vez oportunizam a ocorrência de incêndios capazes de reduzir a pó a township, tal qual o uso de lenha e álcool para cozinhar provoca acidentes domésticos e incêndios nas favelas brasileiras.

Com efeito, somam-se aos problemas estruturais mencionados acima a escassez mais potente e pedagógica, no dizer de Carolina Maria de Jesus (Araújo; Prandini, 2022), que pode existir na cidade ou em qualquer outro canto do planeta, a fome. Sua presença na narrativa se entrelaça aos outros elementos da pobreza e da opressão que a compõem. De um lado, sua força literal torna muitas de suas personagens ávidas, aflitas, dispostas a correr todo o tipo de risco em busca de sustento, como se percebe neste conto, *Eish!*, e em *Dancing with Life*. Por outro lado, sua força figurativa é tão marcante que passa a constituir até mesmo o nome do protagonista-narrador, que prefere ser chamado por seu apelido: "[...] meu nome completo, [...] eu o odeio. Significa 'fome' em Ndebele. Pelo menos Ndla não tem sentido. E eu estou sempre com tanta fome" (Mlalazi, 2008, p. 29, tradução nossa). Nessa perspectiva, o nome da personagem seria redundante ou tautológico em relação à sua própria identidade, constituída pela falta de alimento, reiterada e reificada como expressão da própria fome e da arquitetura de miséria que o construíram ao longo dos poucos anos de sua juventude (cf. Araújo; Prandini, 2022). Nesse contexto, quando Ndla, em constraste com a presença branca e de origem burguesa de Craig, declara que "Nós não nascemos iguais" (Mlalazi, 2008, tradução nossa), é também a essa face de sua existência e identidade que ele se refere.

Em sentido prático, essa fome se associa, desde a mais tenra idade, a experimentação de violências na sociedade e na cultura, a exemplo de quando Ndla costumava voltar dos jogos de futebol na rua – como é tão característico das favelas brasileiras – e não encontrava nada para comer sobre o fogão, a despeito de sua necessidade. Em uma dessas ocasiões, já maior de idade, o jovem encontra panelas vazias, mas o aroma da refeição preenche o ar da casa. Surpreendentemente, e em consonância com os abusos paternos e da madrasta, os pratos cheios de comida estão sob a cama, escondidos, para evitar o

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

compartilhamento. Ndla acaba por devorar a refeição do pai mesmo assim, afinal de contas, "só tinha comido mingau sem açúcar pelos últimos dois dias" (Mlalazi, 2008, p. 34, tradução nossa). É justamente por esse motivo que o pai o esbofeteia na face na cena de abertura do conto.

Não só a arquitetura periférica (com suas desigualdades e violências) impacta a vida de Ndla, mas também sua juventude e seu contraste imaginado com a branquitude, e com a respectiva vida afluente no subúrbio, terminam por resvalar sobre a própria relação dele com a comida e a fome. Entre a necessidade extrema, mas rotineira e banalizada, e a pujança reativa de sua mocidade, emerge um revide iracundo, uma válvula de escape da violência pela demonstração da fúria jovem perante a opressão paterna e socioeconômica. À semelhança do que veremos nos contos *Fragmentos* e *Dancing with Life*, patriarcado e hegemonia social são realidades integrantes da mesma dimensão (ver. Crawshaw et al., 2010a; 2010b), atingindo em medidas distintas homens e mulheres.

Embora pareça ter havido um passado menos turbulento na vida de Ndla, quando o pai era dono de uma pequena loja próxima ao centro, sua situação se agravou junto com a economia do país, o que levou seu progenitor à falência. Na escassez de quase tudo, inclusive dignidade, a existência do jovem negro passa a se sustentar às margens do bem-estar e na precariedade multidimensional da vida na periferia. É bem verdade que nem todos os habitantes da favela são igualmente afetados pela arquitetura da miséria (ver. LIMA, 2018). No entanto, para a maioria dos moradores da township o quadro socioeconômico é periclitante.

No horizonte de experiências da favela de Ndla não apenas as condições de vida e a estrutura urbano-espacial são precárias e agentes de sofrimento. Esses atributos de incerteza, insuficiência e debilidade se veem sincronizados, integrados ou refletidos, de algum modo, nas relações sociais, culturais, familiares/pessoais e político-econômicas – afinal de contas, a inflação e o governo do Zimbábue são reportados no conto como elementos fora de controle, o que afeta mais cruelmente os residentes pobres de Bulawayo. Tal

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

qual a Malcolm Steel, fábrica onde Doubt trabalha, é apontada múltiplas vezes por Ndla como uma instituição prestes a falir, a organização socioafetiva e espacial da township também emerge frequentemente rota, esgarçada, precária.

A CLASSE-MÉDIA BAIXA E A CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO URBANO MARGINALIZADO

Metáforas que vinculam vida privada e sociopolítica ou econômica continuam a constituir a narrativa deste outro conto, *Dancing with Life*. Na primeira cena, a figura do presidente zimbabuano acuado por seus crimes se compara ao protagonista Mxolisi fugindo de um policial abusador sobre as cercas dos casebres na township. Embora não sejam reflexo direto do caos político no país, a violência e a desordem social na favela se apresentam em parte como refração dele, ou seja, são traduzidas (em sincronia) como expressão redimensionada e ressignificada dos distúrbios políticos nacionais. Os efeitos em cada dimensão podem ser relativamente opostos ou consoantes: enquanto as infrações do presidente o levam de avião em direção ao leste, a cerca do casebre e o(s) policial(is) corrupto(s) obriga(m) Mxolisi a seguir para o oeste; enquanto as fraudes eleitorais tripudiaram da transparência e da sinceridade, Mxolisi abandonou a honestidade em sincronia com esses esquemas.

Sobre a periferia, os efeitos da desordem e da arquitetura das injustiças se reproduz de maneira muito mais feroz do que no conforto do assento presidencial. Outra passagem metafórica na abertura do conto aponta a gravidade dessa diferença (ver citação abaixo), que subjuga os moradores da township e favorece a reprodução da violência e das mais variadas práticas de injustiça socioeconômica. Nesse espaço marginalizado o sonho não se faz esperança, como em Adjei-Brenyah (2018; Araújo et al., 2025), mas se apresenta enquanto ilusão consciente e fracassada, destinada a permanecer no horizonte de expectativas para sempre, e o narrador (não mais em primeira pessoa como no conto acima) o sabe muito bem:

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

> [...] Um céu de aço tampa hermeticamente a favela, como se de repente fosse se levantar, soltar uma baforada de vapor e o fedor de sonhos decadentes em direção ao além, então uma pá entraria para virar esta vida para um lado fresco e pleno de propósito (Mlalazi, 2008, p. 35, tradução nossa).

Enquanto foge do policial abusador que o persegue em sua bicicleta, Mxolisi se apressa a pé pelas vias da favela, através das quais notamos sutis diferenças entre os casebres rodeados por cercas, enfileirados e/ou colados uns aos outros, e outras casas com muros de tijolos e quintais mais amplos. Mesmo na construção do espaço da township, há diferentes formas de vivenciar a pobreza e a insegurança econômica e/ou alimentar. A miséria não atinge todas as pessoas e famílias por igual. Ora, se em sua origem a arquitetura da miséria se fundamenta na desigualdade, não seria de estranhar que esse desequilíbrio, ainda que menos discrepante, continuasse a ser percebido entre os próprios favelados, recortados por faixas de renda, capital cultural, gênero e/ou raça.

O narrador, onisciente em terceira pessoa, parece um engajado político e saudosista por alguma forma de revolução. Nas diversas referências culturais que faz ao passado de conflitos sociopolíticos do Zimbábue, dentre os quais poderia emergir um presente/futuro de progresso, o narrador ratifica o sentido de ilusão consciente e fracassada – que parece se aplicar não apenas à vida na favela, mas ao projeto de Zimbábue como um todo.

Aos 21 anos de idade, Mxlisi, filho de uma fiscal da agência nacional de petróleo e enteado de um dono de casa submisso, o jovem desistiu da universidade, passou a vender maconha na porta dos bares e boates da favela, sem, no entanto, esquecer por completo seus ideais de justiça e transformação social. Juventude, drogas (lícitas ou ilícitas) e bares já são elementos presentes na geografia do conto anterior, se considerarmos que Doubt era alcoólatra, Ndla era viciado em cannabis e que MaNyoni, a madrasta, conheceu o pai do protagonista em um bar-prostíbulo.

Na arquitetura das injustiças, ou seja, diante da ausência de perspectiva, falta de espaços de lazer, arte (teatros, galerias, museus, cinemas) e esporte (quadras, campos, ginásios), os bares e as drogas são o caminho para que a vida de privação e tédio na favela se torne menos insuportável, sobretudo para os

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

jovens (cf. Meirelles; Athayde, 2016). Nos espaços onde deveria haver áreas de prazer estético e esportivos existem bolsões de arbustos, áreas devolutas, plenas de vegetação e às vezes lixo. Essa paisagem que mescla estrutura urbana precária e plantas/gramíneas parece resvalar conceitualmente sobre a protagonista e sua família. Os mesmos répteis que circulam nesses locais são comparados à sua aparência, razão pela qual Mxolisi é chamado de Mpankwa (lagarto).

Nos espaços/momentos de convivência e lazer que sobram, como à porta dos bares e nos horários de venda de maconha, encontram-se Mxolisi e outros "desocupados", termo usado pelo narrador para descrever as pessoas dispostas a ouvir as análises políticas do protagonista. Seu olhar saudosista e ansioso por revolução acaba por adotar um tom depreciativo ou excessivamente honesto sobre os moradores da favela que fomentam suas próprias formas físico-estéticas de escapismo.

Tanto neste conto, quanto nos contos *Fragments* e, principalmente, *Eish!* o alcoolismo emerge como instrumento integrante de práticas de lazer ou/e causa de disfunção familiar e social. Na ausência de uma arquitetura de justiça que ofereça um paleta de possibilidades de prazer estético, lazer e relaxamento – incluindo a experimentação sistêmica e integrativa da arte e da cultura popular em espaços consagrados para esse fim –, os moradores da township recorrem ao álcool como elemento capaz de desempenhar essa função. Ao mesmo tempo, reiteramos, como mencionado acima, que essa droga legalizada, tanto quanto a maconha (ilegal), também opera o papel de válvula social de escape que, a um só tempo e paradoxalmente, contribui para alguma espécie de coesão coletiva inicial, mas também subsidia e fomenta práticas de violência e desordem comunitária (cf. Meirelles; Athayde, 2016).]

Na porta e no interior desses mesmos espaços onde se consome álcool em excesso e onde circulam visões políticas sobre o país do protagonista entre os "vadios" da favela, mulheres negras vendem seus corpos na esperança de garantir o sustento diário – o mesmo ocorre em maior grau no conto *Fragments*, em que frequentadores e caminhoneiros se veem envolvidos em conflitos e

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

transações econômicas com mulheres pobres e pretas em situação de extrema vulnerabilidade. A arquitetura da injustiça atravessa o corpo feminino no sentido de não lhes oportunizar outro meio de sustento a não ser a comercialização do próprio corpo, como é o caso de Virginia, exato oposto de Virginia Woolf e metáfora contrastante à intelectual branca e britânica.

Do limitado privilégio de sua classe-média baixa e do alto de sua masculinidade tóxica, forjada pela desigualdade de gênero e pela pobreza sempre à porta – afinal de contas a posição do estrato social ao qual Mxolisi pertence é ainda precária e distante da classe-média (burguesa) –, o protagonista mantém relações sexuais com Virginia em troca de um valor monetário, que é pago em moeda falsificada. Além de ludibriar Virginia com o dinheiro inválido, Mxolisi inferioriza seus atributos físicos, objetificando e desvalorizando ainda mais seu corpo quando confrontado sobre a situação das notas forjadas. Mxolisi emprega o episódio como metáfora da situação político-econômica do país e da ineficiência do poder público, refletindo uma leitura precipuamente político-econômica da vida, dos conflitos, das mazelas e dos espaços cotidianos, tal qual o narrador o faz. Por outro lado, a situação de vulnerabilidade impede Virginia de procurar reparação pelo prejuízo e ofensa sofridos, uma vez que sua condição na prostituição traria ainda mais problemas com a polícia. A arquitetura da injustiça não penas atravessa, bem como aprisiona essas mulheres em sua condição, impedindo-as de escapar da desigualdade, seja por si mesmas, seja a partir delas próprias e com o auxílio de poderes constituídos pela sociedade para efetuar alguma forma de justiça.

A oportunidade de retribuição de Virginia pela trapaça sofrida surge justamente no momento em que Mxolisi está fugindo da polícia, pulando cercas e muros, conforme notado na abertura do conto. A moça o identifica como o rapaz que o policial procura, o que efetivamente leva à sua captura e espancamento, operando, portanto, sua forma disfuncional de justiça na ausência de melhor instrumento para o mesmo fim.

Essa fuga se dá em razão de ele ter interferido na sessão de tortura que um policial aplicava ao seu amigo, Juluka, atrás de um bar – espaço em que as

periferia EDUCAÇÃO CULTURA & COMUNICAÇÃO
ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

faces da vida social, político-econômica e judiciária se encontram, e se revelam conflituosas e pungentes. O tema da corrupção e da violência policial estão mais presentes neste e no próximo conto, *Fragments*. A prática é infelizmente habitual para os moradores da favela, mesmo para aqueles de classe-média baixa, ou seja, que possuem condições um pouco menos precárias que os demais residentes da periferia. Nesse contexto, os becos, barracos, os fundos de bar ou uma área devoluta podem se tornar espaços de exercício abusivo do poder policial: "Um Mxolisi algemado trota ao longo de uma trilha numa área arbustiva da favela" (MLALAZI, 2008, p. 40). Em algumas instâncias, esse abuso viola corpos pretos e múltiplos direitos, e em outros casos pode levar à morte ou a sessões de significativa tortura, como é o caso do encontro de Mxolisi com o policial para quem Virginia o delatou como sendo o sujeito que havia impedido a continuidade do espancamento de Juluka.

Nos momentos que antecedem a tortura de Mxolisi, quando o policial o encontra no quintal de uma casa de classe média-baixa, o protagonista, acuado entre muros altos e cobertos de vidro, é momentaneamente salvo pelo dono da propriedade que adverte tanto a autoridade quanto ao jovem. O fim esperado seria, evidentemente, a tortura e morte de Mxolisi, o que se concretiza apenas em parte, já que escapa com vida, conforme apontado no parágrafo anterior. O episódio ilustra bem como a arquitetura de injustiça vincula inevitavelmente a violência policial do Estado, a banalidade da morte e a pobreza na periferia da grande cidade.

Nesse sentido, os favelados desenvolvem estratégias de defesa coletiva, nem sempre eficientes, contra essa opressão do aparato estatal. A mesma rede de trocas simbólicas que é criticada pelo narrador de *Eish!* e em parte neste conto (*Dancing with Life*), revelando-se objeto de crítica de moradores da periferia na vida real (ver. Freire, 2008), agora se torna uma ferramenta de defesa quando do primeiro momento de captura de Mxolisi; uma ferramenta que permite a reunião rápida e volumosa dos moradores. Graças a esse ajuntamento de residentes a tortura de Mxolisi não se iniciou mais cedo. As pessoas gritam palavras de ordem e exigem que o policial libere o protagonista

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

enquanto tecem comparações e análises relativamente críticas sobre o poder político corrompido do país: a arquitetura da injustiça liderada por essa estrutura hegemônica de exploração se faz notar metafórica e concretamente na vida da favela.

Entre os presentes encontra-se Juluka, alvo do espancamento daquele mesmo agente do estado há alguns minutos antes. Suas palavras de ordem são amplamente carregadas de teor político, e ele o faz enquanto agita um frasco vazio no ar – recipiente onde se armazena a gasolina adulterada e/ou apreendida pela mãe de Mxolisi, que trabalha na agência nacional de petróleo, no ramo da fiscalização, e desvia o combustível para vender clandestinamente. Irredutível, a multidão cerca Mxolisi e o policial, quando quatro outros agentes chegam de bicicleta e abrem o caminho para remover Mxolisi. Diante das repetidas críticas de Juluka, o policial que antes o espancou avança sobre ele, cai e perde as algemas. A multidão se vinga não com força bruta, mas com a arma que tem, o riso: "Um dos policiais joga a bicicleta no chão e pula em direção a Juluka. Ele tropeça em uma pedra e cai numa nuvem de poeira. A multidão estronda em gargalhadas e vaias" (Mlalazi, 2008, p. 39, tradução nossa). Ora, a rede de trocas simbólicas é que permitiu esse momento de defesa e vingança/retribuição simbólica contra a violência policial.

Tal qual a multidão, as mulheres periféricas, a exemplo de Virginia, também possuem suas estratégias de resiliência e sobrevivência. Para além de auxiliar na captura de Mxolisi, o que constitui retribuição parcial pelo engodo/violência que sofreu, Virginia é quem consegue encontrar e ocultar as algemas que o policial perdeu ao se lançar sobre Juluka na nuvem de poeira diante da multidão, conforme mencionado no parágrafo anterior. Vender o artefato é uma forma de reparação financeira pelo programa sexual que Mxolisi pagou a Virginia com notas forjadas.

Embora essas tentativas de alcançar justiça se operem com algum grau de eficácia, no limite das capacidades de quem as empreende, a arquitetura da injustiça é hegemônica sobre a vida social na favela. Essa arquitetura, que converge para a miséria e relega os pobres às margens em múltiplas dimensões,

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

é a mesma que submete os habitantes da favela à opressão do estado e os obriga a viver precariamente, seja pela venda de combustível adulterado/fruto de corrupção, seja pela venda do próprio corpo ou pela venda de um par de algemas encontrado no solo vivo e árido, em uma rua sem pavimento ou saneamento básico, em conflito com a polícia. O anseio por dignidade nessa paisagem desoladora não passa de uma ilusão erguida no vácuo, destinada a habitar o mundo da conjectura, da utopia: "'Prendam a pobreza', diz Juluka, seus olhos sonhadores. 'Tranquem com algema na mão e nos pés, despejem numa cela e joguem as chaves em um rio muito fundo'" (Mlalazi, 2008, p. 40). A paisagem que se apresenta fora desse desejo, no entanto, é o diametral oposto. A injustiça e a pobreza, instanciadas na falta de saúde pública (a mãe de Mxolisi tem cicatriz de doença adquirida na infância e seu pai morreu em decorrência de crime de trânsito) e de saneamento, por exemplo, indiciam a arquitetura de exclusão que o espaço urbano impõe sobre a favela, como ilustrado no momento em que o protagonista escapa da tortura policial em uma área devoluta da township. A fachada da miséria o acompanha na medida em que, cercado por moscas, e do fedor de esgoto entra na casa de sua mãe (MaNdlovu) e do padrasto (Ngulube).

Diferentemente do primeiro conto (*Eish!*), em que a família vive em um espaço minúsculo, com áreas coletivas se tornando quartos ou vice-versa, aqui Mxolisi, para além da chance de ter ingressado na universidade, tem seu próprio quarto. Aqui a família de baixa renda, um pouco acima da linha da miséria, disfruta de um quintal, uma mureta que cerca a casa, dentre outros confortos domésticos que o salário da mãe de Mxolisi é capaz de pagar. Obviamente, a renda obtida com a venda ilegal de combustível, trazido pra casa a partir das operações de apreensão, expandem em algum grau a capacidade da família te ter uma qualidade de vida menos periclitante que as famílias de Virginia ou Juluka, por exemplo. Mas as marcas do recente passado e/ou presente de necessidade extrema e da falta de acesso a serviços básicos de saúde ainda se fazem vivos e pulsantes nos espaços, na psique e nos corpos dessa classe-média baixa da township, a exemplo da (i) mãe de Mxolisi, "Suas bochechas são

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

deformadas por causa de uma doença de pele na infância" (Mlalazi, 2008, p. 41, tradução nossa).

A ARQUITETURA DA DESESPERANÇA E A INFÂNCIA PERDIDA

Por sua vez, *Fragments* explora a vida na township/favela a partir do prisma da desesperança de uma criança negra de apenas 12 anos, Immaculate. O próprio nome da personagem, cujo sentido aponta para o impoluto e não-corrompido, colide frontalmente com a evocação de um espaço sujo, regado a álcool e vicissitudes em que a garota, forçosamente adotada, vive. O que o narrador de Mlalazi anuncia em *Dancing with life* – "apenas esperando a escuridão e que Deus revele as estrelas e a humanidade seus vícios" (Mlalazi, 2008, p. 44) – agora se concretiza na pungente trajetória de Immaculate.

As trevas da protagonista são originárias do próprio ambiente social e familiar em que ela se insere. Reforça-se, na lógica de desesperança, a precariedade das condições de vida, a violência e as estratégias de agentividade. A própria cena de abertura, Immaculate removendo garrafas de cerveja de um freezer em um ambiente insalubre e caótico, estabelece o tom da narrativa deste terceiro ato que selecionamos para o debate: "A sala estava suja, tocos de cigarro e tampas de garrafas de cerveja espalhados pelo chão, e o aparelho de som estava tocando uma música dos Soul Brothers" (Mlalazi, 2008, p. 53). Os contrastes, que se acumulam para além do nome da protagonista e seu habitat, escancaram-se. A sinuosidade da arte restante tende a colidir mais explicitamente com a dureza da vida na favela zimbabuana, ao passo que a aura pueril de Immaculate se contrapõe à crueldade e os vícios da existência adulta.

O próprio arranjo familiar, a tia pleiteando o papel de madrasta sádica (Eliza) e o namorado violento (Dube) ocupando a função de padrasto, prenuncia uma arquitetura familiar inóspita, profundamente semelhante a tantos outros arranjos familiares no Brasil. O desconserto do núcleo primeiro das relações sociais refrata, assim como nos demais contos, o desalinhamento da

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

geossemiótica da injustiça e da miséria que define em parte a existência humana na township.

Por outro lado, embora em primeiro momento infira-se de Immaculate a pureza e ingenuidade próprias da infância, a perversidade da vida nesse desarranjo socioespacial e econômico forçou a personagem a se apropriar de estratégias e recursos incomuns para uma criança de sua idade. Paradoxalmente, a arquitetura da desesperança fomenta uma nova versão da protagonista que não é plenamente criança, tampouco adulta, mas vive no limbo entre não-ser-agora, não-vir-de-um-ontem e do estar-por-vir. Estar nesse limbo não significa necessariamente achar-se em estado de letargia, pelo contrário, pode tornar-se fonte de propulsão para resistir ao sofrimento inevitável ou mesmo empreender uma tentativa de se livrar da coerção mais dolorosa e imediata: "De repente, ela pulou em Dube e envolveu as mãos em torno dele, prendendo os braços deste ao lado do corpo, lágrimas escorrendo pelo rosto, embora nenhum som saísse de sua boca" (Mlalazi, 2008, p. 54). Assim, diferentes graus de resiliência e até insensibilidade tornam-se necessários para que a desesperança constituinte do horizonte imediato de expectativas irrompa em algo distinto, novo, quem sabe libertador, como se faz notar no exitoso ato de fuga que Immaculate consegue levar a cabo: "Ela fugiu [...] para a noite escura, sua saída imediatamente seguida por um relâmpago abrasador e um trovão ensurdecedor, como se fosse ela quem tivesse explodido do universo" (Mlalazi, 2008, p. 54).

Sua posição de objeto de violência doméstica e trabalho infantil, ainda mais em um bar tão caótico quanto aquele citado no conto, ressoa fortemente com a realidade de muitas crianças e jovens brasileiros. Apesar de não defini-la por completo, a ponto de reduzi-la a uma personagem unidimensional, o peso dessas atrocidades força dada configuração da sua identidade a partir de experiências de dor, frustração, impotência, medo, insegurança, ansiedade, entre outras emoções.

A fuga desesperada de Immaculate em uma noite chuvosa, repleta de relâmpagos e trovões, reitera a busca desenfreada por liberdade e refúgio. Um

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

encontro que não se opera sem adversidade. Nas ruas escuras e molhadas da favela zimbabuana, iluminadas apenas por luzes dos parcos postes restantes, assomam a insegurança e o perigo que parecem tão próprios das favelas do Brasil e do Zimbábue, e tão familiares às meninas e mulheres negras ansiosas por alguma forma de emancipação, de dignidade, de livramento da forma mais visceral de exercício do poder, a coerção. No Brasil, muitas crianças e adolescentes também se encontram em situações de rua, expostas a perigos constantes, buscando escapar de ambientes familiares violentos, tal qual a protagonista.

Esse quadro, no entanto, é incapaz de circunscrever a narrativa de Mlalazi, já que ainda na primeira metade do conto, em sua caminhada pelas ruas frias e enxarcadas da periferia, Immaculate encontra um cãozinho perdido na chuva, tal qual ela mesma. Desta vez, mais do que nos contos anteriores, a protagonista se faz refletir amplamente no ambiente ao seu redor. Nesse raro instante, como em nenhum outro conto de sua coletânea, Mlalazi lança luz sobre emoções como empatia e ternura, recuperando com elas o vislumbre de retomada da infância perdida de Immaculate

Esse lampejo de contentamento e refrigério, elemento raro na existência de uma criança submetida a tantos abusos, dialogam com a resiliência e a capacidade dos sujeitos de experimentar momentos de humanidade em meio aos ambientes mais hostis ou inóspitos, um tema recorrente em narrativas sobre a vida nas periferias brasileiras (ver. SILVA, 2010b) e de outros países. No entanto, a dinamicidade de Mlalazi não recorre ao verniz de um final precoce e/ou irrealisticamente feliz como forma de desenlace para a primeira parte da narrativa.

Immaculate continua a ser acossada por Dube (padrasto) e Eliza (tia/madrasta), de modo que há uma evidente sensação de perseguição e desamparo. No Zimbábue (ver. Mugari; Obioha, 2018), tanto quanto no Brasil, a sensação de estar sempre sob ameaça é comum entre crianças e jovens de periferia, que frequentemente enfrentam a violência policial e a vigilância

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

constante de grupos criminosos, ou de violadores das mais diferentes espécies (cf. Meirelles; Athayde, 2016).

De fato, os lampejos de contentamento e realização são frequentemente sobrepostos pela arquitetura da desesperança. Essas frustrações, ao invés de conduzir a protagonista à paralisia ou sujeição, no entanto, fomentam a adoção de novas estratégias emancipatórias, ainda que falhas e/ou limitadas.

Por outro lado, os policiais e delegacias responsáveis por proteger a dignidade das crianças e jovens, performam variadas formas de corrupção e violência, assim como representadas pelo personagem Khefasi (cf. MAUNGANIDZE, 2016). Essas experiências se assemelham àquelas vivenciadas por crianças e jovens brasileiros, obrigados a lidar ou enfrentar a brutalidade policial, a ineficiência/inércia do Conselho Tutelar em certas área e a falta de proteção do Estado através de outras políticas públicas. A fuga de Immaculate para um clube noturno, com função de prostíbulo, ilustra com intensidade essa ausência de programas protetivos e assistenciais para crianças e jovens, a precariedade e a falta de refúgio. Nesse caso a desesperança se oculta mais uma vez na aparente socialização e acolhimento que a figura hipotética de um clube poderia proporcionar. Ao mesmo tempo, a desesperança se materializa na instanciação de mais violência e na prática permissiva de mais atividades ilícitas por parte dos adultos e autoridades corresponsáveis pelo resguardo dessas crianças e jovens.

Por fim, o (re)encontro de Immaculate com Public – um motorista de caminhão que passaria desempenhar a figura mística de pai e cujo nome sugere a responsabilidade coletiva dos adultos para com jovens e crianças – marca uma virada significativa na narrativa. Apesar de Public enfrentar seus próprios demônios e desafios, ele representa uma possível saída para a criança desamparada e órfã que naquele espaço improvável assoma. Esse relacionamento improvisado, baseado inicialmente em necessidade mútua, reflete as alianças e conexões que muitas vezes se formam nas margens da sociedade, onde a solidariedade pode emergir na mais inesperada das circunstâncias.

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

Além disso, o passado de Public como motorista de longa distância, envolvido em um acidente trágico e subsequentemente dependente de práticas de feitiçaria para se proteger, adiciona uma camada de complexidade cultural e mística à narrativa. No contexto brasileiro, embora os rituais religiosos dos credos de matriz africana não equivalham a uma porção significativa das práticas de fé da população, a dependência de religiões e crenças mais ou menos ancestrais para enfrentar desafios cotidianos é bastante prevalente, especialmente em comunidades vulnerabilizadas, como é o caso das favelas e bairros periféricos em geral.

Em *Fragments*, Malalazi destaca como a arquitetura da desesperança, tanto no espaço físico quanto social, molda a experiência e as estratégias de (sobre)vivência dos jovens na periferia. Nesse ambiente, em que se estilhaçam e/ou se erguem os sonhos, medos, frustrações, desejos e violências, os pedaços que perfazem a identidade de Immaculate voltam a fazer sentido conjuntamente diante da possibilidade da proteção, do abrigo e de um novo arranjo familiar exponencialmente mais funcional.

Seja no Zimbábue, seja no Brasil, a literatura se mostra uma ferramenta poderosa para revelar e criticar as estruturas de opressão, enquanto oferece uma voz às histórias frequentemente marginalizadas. As narrativas de Malalazi e as realidades das periferias brasileiras e zimbabuanas nos lembram da importância de compreender e problematizaras desigualdades sociais e de enfrentar as estruturas de poder em direção a uma sociedade menos injusta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das representações literárias de Christopher Mlalazi sobre a periferia urbana do Zimbábue, tematizada a partir da arquitetura da miséria, da injustiça e da desesperança, revela como a literatura pode servir enquanto lente crítica para examinar as complexidades e as adversidades enfrentadas por moradores das townships. Nesse sentido, este estudo permite identificar e discutir a maneira como a arquitetura e a cultura urbana dessas áreas fomentam sentimentos e experiências psicossociais hostis, refletindo, refratando e

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

(a)moldando(se) as/às profundas assimetrias socioeconômicas e a/à opressão socioemocional.

O conto *Eeish!* (arquitetura da miséria) destaca a precariedade das condições de vida e a violência nas relações familiares e sociais. A descrição dos espaços urbanos e a interação dos personagens evidenciam a falta de infraestrutura e a luta pela sobrevivência (cf. SOUZA; SANTOS, 2018; FERREIRA, 2021).

Já o conto *Dancing with Life* (arquitetura da injustiça) foca na corrupção policial e nas injustiças sociais nas townships. Mlalazi mostra um cenário onde a lei é ferramenta de opressão e os habitantes são abusados e marginalizados (cf. Nuttall, 2004; Mkhize, 2020; Chatterjee, 2012; Patel, 2020). Por fim, o conto *Fragments* (arquitetura da desesperança) oferece a visão de uma criança que enfrenta a dura realidade da periferia. A narrativa expõe a perda de inocência e a luta por dignidade (Silva, 2010b; Mwangi, 2016). A representação de Immaculate também reflete a desesperança e a resiliência em meio a circunstâncias adversas.

Comparando-se os achados deste trabalho com estudos anteriores, nota-se que Mlalazi acrescenta uma perspectiva única ao explorar a intersecção entre a materialidade dos espaços urbanos e as experiências psicossociais dos moradores das townships. Enquanto as literaturas brasileira, asiática e africana frequentemente abordam a exclusão social e a resistência cultural, Mlalazi destaca como a construção material dos espaços urbanos não só reflete as condições de vida, mas também molda a psique e a cultura dos moradores. Essa abordagem multifacetada oferece uma contribuição valiosa para o entendimento das dinâmicas urbanas no Sul Global, ressaltando a importância de se considerar tanto os aspectos físicos quanto os emocionais na análise das periferias urbanas.

Este estudo, portanto, reafirma a importância da literatura como uma ferramenta crítica para entender e desafiar as estruturas de opressão nas periferias urbanas. As narrativas de Mlalazi, ao detalhar as realidades das townships zimbabuanas, proporcionam um contexto enriquecedor que

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

complementa e expande as discussões existentes sobre a marginalização urbana no Brasil, na Ásia e na África. Através da literatura, podemos vislumbrar as complexidades da vida nas periferias e reconhecer a resiliência e a capacidade de resistência de seus moradores, elementos fundamentais para a busca de uma sociedade mais justa e equitativa.

REFERÊNCIAS

ADJEI-BRENYAH, N. K. *Friday Black*. Boston: Mariner Books, 2018.

ANDERSON, B. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London: Verso, 2006.

ARAÚJO, G. A.; PRANDINI, P. D. Carolina Maria de Jesus para além dos clichês: uma análise discursiva sobre a personagem Maria Clara em *Pedaços da Fome*. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 14, n. 41, p. 15–40, 2022.

ARAÚJO, G. A.; SILVA, B. N. Representações da natureza e do homem em "Terra Caída": a narrativa de Alberto Rangel sob o olhar da ecocrítica. *Baraquitã*, v. 2, n. 3, p. 55-73, 2023.

ARAÚJO, G. A. et al. Representations of contemporary motherhood in Nana Kwame Adjei-Brenyah: black (and white) mothers in the short stories of *Friday Black*, 2025 [no prelo].

CHATTERJEE, P. Literary representations of Indian slums: A study of contemporary fiction. *Journal of Urban Studies*, v. 49, n. 7, p. 1456-1472, 2012.

CRAWSHAW, P. et al. Masculinities, hegemony, and structural violence. *Criminal Justice Matters*, v. 81, n. 1, p. 2-4, 2010a.

CRAWSHAW, P. et al. *Violence and the Body: Race, Gender, and the State*. New York: Routledge, 2010b.

DLAMINI, T. Narratives from the townships: South African literature in the post-apartheid era. *South African Review of Books*, v. 35, n. 4, p. 88-105, 2017.

DOVEY, K.; KING, R. Informal urbanism and the taste for slums. In: FRENZEL, F.; KOENS, K. *Tourism and Geographies of Inequality*. New York: Routledge, 2016, p. 81-99.

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

FAIRCLOUGH, N. et al. *Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language*. London: Routledge, 2004.

FAIRCLOUGH, N. *Language and Power*. London: Longman, 2004.

FERREIRA, M. Favela narratives: Representations in Brazilian literature and cinema. *Latin American Cultural Studies*, v. 30, n. 2, p. 115-132, 2021.

FIKES Jr., R. How major book review editors stereotype black authors. *The Journal of Blacks in Higher Education*, v. 01, n. 33, p. 110-113, 2001.

FREIRE, L. de L. Favela, bairro ou comunidade? Quando uma política urbana torna-se uma política de significados. *Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 1, n. 2, p. 95-114, 2008.

GIKANDI, S. Ngũgĩ wa Thiong'o and the Writing of Kenyan Urban Spaces. *African Literature Today*, v. 23, n. 01, p. 1-15, p. 2002.

HALL, S. *Representation*: Cultural Representations and Signifying Practices. London: Sage, 1997.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. New York: Routledge, 2013.

KAMAU, J. Urban marginalization in Kenyan literature: New narratives of resistance. *East African Literary Journal*, v. 27, n. 3, p. 45-63, 2019.

LIMA, V. M. A riqueza das favelas, o poder econômico da multidão escondido entre morros e vielas: uma análise comparativa entre os empreendedores das maiores favelas do Brasil e da Argentina – Rocinha e Villa 31. *Revista Gestão em Análise*, v. 7, n. 1, p. 173-181, 2018.

MAUNGANIDZE, L. Zimbabwe: Institutionalized Corruption and State Fragility. *In*: OLOWU, D., CHANIE, P. (orgs.) *State Fragility and State Building in Africa*. v. 10. Cham: Springer, 2016.

MEIRELLES, R.; ATHAYDE, C. *Um país chamado favela*: a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira. São Paulo: Editora Gente, 2016.

MKHIZE, M. Township realities: Post-apartheid narratives in South African literature. *Journal of African Cultural Studies*, v. 32, n. 1, p. 79-96, 2020.

MLALAZI, Christopher. *Dancing with Life*: Tales from the Township. Bulawayo: AmaBooks, 2008.

MORAES, C. Turismo em favelas: notas etnográficas sobre um debate em curso. *Plural: Revista de Ciências Sociais*, v. 23, n.2, p. 65-93, 2016.

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

MUGARI, Ishmael; OBIOHA, E. E. Patterns, costs, and implications of police abuse to citizens' rights in the Republic of Zimbabwe. *Social Sciences*, v. 7, n. 7, p. 01-14, 2018.

MWANGI, E. Urban identities and marginal spaces in contemporary Kenyan fiction. *African Studies Review*, v. 59, n. 1, p. 43-61, 2016.

NUTTALL, S. City Forms and Writing the 'Now' in South Africa. *Journal of Southern African Studies*, v. 30, n. 4, p. 731-748, 2004.

PAESANI, K. *The Role of the Literary Text in the Foreign Language Classroom: Models and Methods for Teaching Literature*. New York: Peter Lang, 2005.

PATEL, A. Representations of slum life in Indian literature and new media. *Asian Cultural Studies*, v. 28, n. 3, p. 54-70, 2020.

ROY, A.; SINGH, V. Narrating the margins: Literary and cinematic representations of Indian slums. *Contemporary South Asia*, v. 27, n. 2, p. 178-195, 2019.

SCHWARZ, R. *Os Pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, L. Representations of the Favela in Contemporary Brazilian Literature. *Latin American Research Review*, v. 45, n. 2, p. 38-59, 2010a.

SILVA, S. *Retratos da infância*: representações da infância pobre na literatura brasileira contemporânea. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010b.

SOUZA, R.; SANTOS, A. Urban marginality and cultural resistance: The favela in Brazilian literature. *Journal of Latin American Studies*, v. 50, n. 3, p. 493-510, 2018.

THIONG'O, N. wa. *Decolonising the Mind*: The Politics of Language in African Literature. Nairobi: East African Publishers, 1986.

THOMPSON, J. B. *Media and Modernity: A Social Theory of the Media*. Cambridge: Polity Press, 2013.

TORQUATO, S. A. O impacto do PAC Habitação no cotidiano de moradores de uma favela fluminense: uma análise a partir da ideia de liminaridade. *Tempo da Ciência*, v. 23, n. 45, p. 98-115, 2016.

WOODWARD, K. *Questioning Identity: Gender, Class, Ethnicity*. London: Routledge, 2000.

ISSN:1984-9540
DOI: 10.12957/periferia.2024.86309

Recebido em: 01/08/2024
Aprovado em: 10/09/2024
Publicado em: 16/12/2024